



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Jayane Cristine Santos Gomes

**A REPRESENTATIVIDADE DE PESSOAS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO AUDIOVISUAL: UMA ANÁLISE NA SÉRIE “UMA ADVOGADA
EXTRAORDINÁRIA”**

Rio de Janeiro

2023

Jayane Cristine Santos Gomes

**A REPRESENTATIVIDADE DE PESSOAS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA NO AUDIOVISUAL: UMA ANÁLISE NA SÉRIE “UMA ADVOGADA
EXTRAORDINÁRIA”**

Pré-projeto de Monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientador(a): Cynthia Dias

Rio de Janeiro

2023

*Dedico esse trabalho ao meu priminho, que
ele possa crescer em um país melhor e que o
acolha como ele é.*

AGRADECIMENTOS

ANTES DE TUDO, GOSTARIA DE AGRADECER A DEUS POR SEMPRE ME CONCEDER FORÇAS E ENERGIA PARA PERSISTIR E CORRER ATRÁS DOS MEUS SONHOS POR MAIS DIFÍCEIS QUE SEJAM.

AGRADEÇO À MINHA ORIENTADORA CYNTHIA MACEDO DIAS QUE ME AJUDOU NESSE COMPLICADA TRAJETÓRIA, SEMPRE ME DANDO DICAS E APOIO.

AGRADEÇO A BANCA POR ME AJUDAR, COM SUAS IDEIAS, NA ELABORAÇÃO DESSE PROJETO.

AGRADEÇO AOS MEUS AMIGOS, QUE DURANTE QUASE DOIS ANOS NOS APOIAMOS ENQUANTO ESCREVÍAMOS ESTA MONOGRAFIA.

AGRADEÇO ÀS PESSOAS QUE VIERAM E SE FORAM DURANTE A REDAÇÃO DESTA MONOGRAFIA.

AGRADEÇO À MINHA FAMÍLIA POR ME APOIAR. POR CRESCER EM UMA CASA ONDE O AUDIOVISUAL É SEMPRE BEM RECEBIDO, EU CONSEGUI ESCOLHER O TEMA PARA ESTA MONOGRAFIA. AO MEU PRIMINHO QUE ME INSPIROU.

POR FIM, AGRADEÇO A TODOS QUE SE INTERESSAREM EM LER ESTA MONOGRAFIA.

É COMO SE AS PESSOAS VIVESSEM EM UM MUNDO FEITO PARA ELAS E OS OUTROS, MAS PESSOAS COM AUTISMO ESTÃO ACOSTUMADAS A VIVER EM UM MUNDO PRÓPRIO “Uma advogada extraordinária” (Yoo In-shik, 2022).

RESUMO

O cinema, em sua primeira definição, tinha como objetivo entreter. Com o passar do tempo foi possível perceber que ele também é capaz de carregar conceitos e ideias que podem influenciar de forma positiva e negativa a percepção sobre diferentes grupos sociais, pessoas e etc. Através do audiovisual, a representatividade de determinados grupos que sofrem ou sofreram discriminação pode chegar à sociedade. As pessoas com deficiência compõem um desses grupos. Geralmente as representações das pessoas com deficiência chegam às mídias carregadas de estereótipos e preconceitos. O Transtorno do Espectro Autista (TEA), perante a lei, está inserido no grupo de pessoas com deficiência. O TEA reúne desordens do desenvolvimento neurológico presentes desde o nascimento ou começo da infância (AUTISMO E REALIDADE). Movimentos repetitivos, o hiperfoco, dificuldade para entender piadas e metáforas, e a síndrome do gênio são algumas das características que cercam esse grupo. Nesta monografia, será estudado como essas características, que muitas vezes se tornam estereótipos, são representadas no audiovisual. Este projeto tem como objetivo examinar a representatividade de pessoas com o transtorno do espectro autista no campo do audiovisual e de como ela influencia essas pessoas ao se verem representadas e também como influência na sociedade. A metodologia proposta é baseada na abordagem qualitativa, na pesquisa bibliográfica e na análise fílmica. E busca entender a representatividade dessas pessoas a partir da análise fílmica da série “Uma advogada extraordinária” (Yoo In-shik, 2022).

Palavras-chave: Representatividade. Audiovisual. Estereótipos. TEA.

LISTA DE FIGURAS

Capa da série na *Netflix*

A advogada e seus colegas dançando e cantando para o réu

Woo Young Woo e Jun Ho encontrando o livro da vítima

A advogada e o réu no tribunal

Woo Young Woo sendo salva de cair por Jun Ho

Woo tendo uma ideia

Woo Young Woo se demitindo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. CAPÍTULO II – Estereótipos, Representação e Representatividade no audiovisual	23
2.1 Estereótipos, Representação e Representatividade	23
2.2 Estereótipos, Representação e Representatividade no audiovisual	25
3. CAPÍTULO III – Pessoas com TEA, como são vistas pelas sociedades, e como ocorre sua representatividade no audiovisual	28
3.1 - Pessoas com TEA, como são vistas pelas sociedades	28
3.2 - Representatividade de pessoas com TEA no cinema	29
4. CAPÍTULO IV – Os dramas coreanos e análise da representatividade de pessoas com espectro autista na série “Uma advogada extraordinária”	39
4.1- Os dramas coreanos	39
4.2- Análise da representatividade de pessoas com espectro autista na série “Uma advogada extraordinária”	38
Considerações finais	39
Referências	40

1. INTRODUÇÃO

O cinema como conhecemos atualmente, teve seu início em 1895, por meio do cinematógrafo, uma nova tecnologia para a época inventada pelos irmãos Lumière. Inicialmente o cinema era e é considerado por muitos apenas uma fonte de entretenimento. “O cinema, além de ser visto inicialmente como uma simples inovação técnica, estabeleceu-se como uma diversão popular - daí o descaso do mundo acadêmico e intelectual” (MOCELLIN, 2010). Segundo Marcel Martin, o cinema é futilidade porque é a mais jovem de todas as artes, nascida de uma vulgar técnica de reprodução mecânica da realidade; porque é considerada pela imensa maioria do público como um simples divertimento onde se vai sem cerimônia.

Porém, Marcel Martin também aponta que além do cinema ser um entretenimento, ele apresenta três graus que o compõem. Deste modo a imagem reproduz o real, depois, num segundo grau e eventualmente, afeta os nossos sentimentos e, finalmente, num terceiro grau e sempre facultativamente, toma uma significação ideológica e moral (MARTIN, 2005). Portanto, é possível perceber que o cinema não é apenas um divertimento mas ele também é importante na criação de ideologias, conceitos e moralidades. Em muitas vezes, infelizmente, elas podem chegar ao público de forma negativa.

Mas é importante lembrar que o cinema é capaz de influenciar a formação de ideias e conceitos. E, conseqüentemente, influenciar de forma positiva ou negativa. O cinema "ensina" versões muitas vezes deturpadas e carregadas de ideologias capazes de modificar seu modo de perceber o passado, a realidade, as sociedades e suas crenças e conflitos. É necessário aprofundar o estudo das ideias e influências que moldam a cultura de todos os membros da sociedade, inclusive as "apreendidas" por meio do cinema (MOCELLIN, 2010).

Esses conceitos podem levar a criação de estereótipos e preconceitos, ou até mesmo reforçar essas ideias quando já estabelecidas. Além disso, em produções audiovisuais os autores aparentam ter liberdade de expressar e representar pessoas, grupos e outros, com seu próprio pensamento, conceito e visão. Entretanto, atualmente, essa liberdade não é tão grande assim. Os diretores, escritores e produtores de filmes e séries não podem colocar, de forma pessoal, seus pensamentos, ideias e conceitos, pois elas podem não ser condizentes com a realidade de determinadas pessoas e grupos. Hoje em dia, muitas obras audiovisuais possuem representatividade e a quebra de

estereótipos pois têm muita influência dos diversos movimentos e causas sociais, como por exemplo o Movimento Negro e o Movimento indígena. Sendo assim, o audiovisual é capaz de criar conceitos positivos ou negativos que chegam ao público que os consome, tais estereótipos e preconceitos podendo os reproduzir na vida pessoal.

Nas produções audiovisuais, há sempre, num primeiro registro, um grupo que percebe, julga e coloca em prática sua maneira de representar determinado grupo, por exemplo, num segundo registro, há aqueles que exibirão e estereotiparão a representação a partir de uma ou mais personagens e, num terceiro registro, estes serão identificados por um grupo de receptores (BRAGA; MACHADO; FONSECA, 2019).

As informações que esses receptores recebem podem ser entendidas de diversas formas:

É possível constatar que a representação envolve os produtores do discurso, a leitura que eles fazem do mundo e a leitura que eles esperam dos receptores, porém, apesar de terem em vista a universalidade, os modos de recepção dos públicos são heterogêneos e podem levar a diversas interpretações (BRAGA; MACHADO; FONSECA, 2019).

Assim como citado acima, o audiovisual também é capaz, em contrapartida aos estereótipos e preconceitos, de apresentar a representatividade de pessoas e grupos minoritários que sofrem descaso e discriminação. Além de influenciar a visão da sociedade sobre essas pessoas e de ser extremamente importante para o empoderamento dessas pessoas. A importância da representatividade no cinema é um tema recente, e atualmente percebe-se que a representatividade de grupos minoritários ou pessoas no audiovisual tem aumentado.

Há alguns anos atrás, a grande máquina que é o cinema, lançou diversos filmes com estereótipos e preconceitos. Ou então, filmes e séries em que a representação dessas pessoas era por meio de personagens sem protagonismo algum ou em posições inferiores às pessoas que a sociedade dita como superiores. “Podemos perceber a exclusão do negro na sociedade ao assistir novelas, filmes e séries que vincula ao “branco” papéis importantes, principais. E ao negro papéis que fazem referência a pobreza, deslealdade em sua grande maioria” (REIS; LIMA; VIEIRA, 2017). Outras formas de representação que eram vistas ou são vistas comumente, tinham as pessoas negras sempre com papéis de escravos e serviçais, bandidos ou “*gangsters*”, ou pessoas pobres e “inferiores”. Outro exemplo é que os asiáticos são representados como gênios na matemática ou

mestres em alguma arte marcial. E as pessoas de origem latina representadas como extremamente sensuais e sedutoras.

Mas a representatividade desses grupos também vem sendo apresentada com mais frequência no âmbito do audiovisual. Como exemplo de representatividade no audiovisual, o filme “*Dumplin*” (Anne Fletcher, 2018), que aborda questões de discriminação contra pessoas gordas, como a gordofobia. Em “*Dumplin*” a jovem Willow Dean, uma adolescente gorda, vai contra os padrões impostos pela sociedade e entra em um concurso de beleza. Um exemplo mais recente é o live action de “*A Pequena Sereia*” que tem causado muitas controvérsias. A personagem principal, Ariel, no clássico de 1989 (Musker, Clements), lançado pela *Disney*, era uma adolescente de pele branca. Mas recentemente foi confirmado que a personagem no filme *live action* será uma adolescente de pele negra. Essa escolha causou diversas controvérsias, pois para alguns não havia motivo para trocar a cor de pele da sereia, porém para outros não havia motivo do porque não mudar.

Apesar das críticas racistas sobre uma atriz negra interpretar Ariel, muitas crianças que nunca se viram representadas nas telas de cinema estão, agora, ansiosas pela novidade. “A pele dela é marrom, mamãe!”; “Ela é negra!”; “Ela é marrom igual a mim!”. Essas são algumas das reações felizes causadas pela nova versão do desenho que mostra as descobertas de uma sereia em busca pela liberdade (VASQUES, 2022).

O exemplo do filme “*A pequena sereia*” é um caso que a representatividade acarretou em algumas opiniões positivas, ainda mais por parte da população ali representada, a população negra. Como na fala das crianças acima, elas se veem representadas por uma personagem importante e com protagonismo que tem características semelhantes a elas. Como sua cor de pele, cabelos e suas feições, que na sociedade atual são motivos de diversas discriminações. Quando uma pessoa se vê representada de uma maneira em que ela não sofre preconceito e discriminação, isso pode a levar a ter mais autoestima, se tornar segura de sua identidade e muito mais. Ela se sente pertencente e incluída na sociedade.

É devido à representatividade que nos sentimos pertencentes a um grupo, sem querer negar nossa própria identidade para sermos aceitos por outras pessoas. A importância de nos vermos sendo representados por uma única pessoa ou um grupo na mídia, causa em nossas características, sejam elas físicas, comportamentais ou socioculturais, um afeto maior. E

sentir-se pertencente a um grupo facilita a troca de experiências, impressões e sentimentos, transformando a convivência de indivíduos numa sociedade mais harmônica e respeitosa (DE SOUZA, 2020).

O lugar de fala é um ponto importante para se aprofundar, pois os grupos minoritários, ou seja, os grupos excluídos pela sociedade geralmente têm suas vozes silenciadas. A representatividade correta pode acarretar a quebra de preconceitos e estereótipos. Ao quebrar esses estereótipos, as pessoas pertencentes a grupos discriminados têm mais lugar de fala, inspiração e outros.

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que suas produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente (RIBEIRO, 2017).

Para o estudo desta monografia será aprofundado a análise da representatividade de pessoas com deficiência e, posteriormente, de pessoas com o transtorno do espectro autista. O grupo de pessoas com alguma deficiência tem tido mais representatividade ao longo dos anos, porém nem sempre foi assim. Por muito tempo, e infelizmente atualmente, pessoas com deficiência são excluídas ou sofrem algum tipo de discriminação, além de serem alvos de diversos estereótipos.

Em uma trajetória que remete às origens da própria civilização as pessoas com deficiência e suas famílias passaram por períodos de lenta evolução no modo de serem vistas e tratadas, estando sujeitas a práticas sociais que inicialmente destituíam-nas de valor e dos traços de igualdade com o grupo humano. A relação entre pessoas com e sem deficiência em sociedade era em princípio baseada no não contato, o que manteve a deficiência associada à exclusão de ambientes sociais e condicionou o tempo das mudanças necessárias para alcançar estágios de maior inserção na sociedade a acelerar apenas há poucas décadas (MACHADO; ANSARA, 2014).

Perante a lei brasileira, as pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista) fazem parte do grupo de pessoas com deficiência. Ou seja, elas estão inseridas no grupo de pessoas com deficiências. Entender um pouco sobre o TEA é de extrema importância para o estudo desta monografia, pois será feita pesquisa da representatividade de pessoas com o transtorno do espectro

autista no campo do audiovisual. O Transtorno do Espectro Autista é caracterizado, dentre outros aspectos, pelas seguintes características: prejuízos na interação social, alterações na comunicação e padrões restritos ou estereotipados (movimentos repetitivos de corpo ou de objeto) de comportamento e interesse (MARÇAL, 2018). E através desse conhecimento e outros que serão mais aprofundados, a análise de como a representação de pessoas com TEA ocorre no audiovisual será feita ao decorrer desta monografia.

Nesta monografia também será feito um estudo de como a representatividade de pessoas com o espectro autista têm influência na sociedade e de como ocorre a representatividade das pessoas desse grupo, sendo esse tema inserido no âmbito do audiovisual.

No audiovisual existem exemplos de obras que abordam a temática do autismo. Alguns desses exemplos, são produções que reforçam os estereótipos. Um exemplo é “*Rain Man*” (Barry Levinson, 1989), que foi um dos primeiros filmes a abordar a representação de uma pessoa com autismo, por mais que tenha sido de forma estereotipada. Entre outros está “*Music*”, com direção da cantora Sia e lançado em 2021, e que também foi extremamente criticado pelo público pela forma como o autismo foi retratado no filme. Em contrapartida, existem obras visuais que apresentam a representação positiva de pessoas autistas, como exemplos temos “*The Good Doctor*” (David Shore, 2017- atualmente) e “*Atypical*” (Robia Rashid; Ava Tramer, 2017).

A análise desta monografia sobre o estudo de representatividade de pessoas autistas em obras audiovisuais será feita a partir da série “*Uma advogada extraordinária*” que conta a história de uma advogada que possui a síndrome de Asperger, um diagnóstico do TEA. A série escolhida é de produção coreana. Os dramas coreanos (ou *k-dramas*), têm cada vez mais ganhado visibilidade pela mídia internacional.

Ao longo dos últimos anos, uma península foi ganhando cada vez mais espaço no mapa do cinema mundial. Antes presença bastante discreta nas análises historiográficas, e quase um ponto cego da cinefilia, a cinematografia sul-coreana rapidamente se provou merecedora de toda atenção e despertou interesse de modo amplo, destacando-se por sua vitalidade econômica e artística (MASCARELLO; BAPTISTA, 2011).

Como exemplo, temos a série “*Round 6*” (Squid game, Hwang Dong-hyuk), que, em 2021, se tornou umas das séries em um serviço de streaming, a Netflix, a ser mais vista no mundo. Além de outros nomes conhecidos internacionalmente como “*Meninos antes de flores*” (Jeon Ki-sang,

2009), “Personal Taste” (Son Hyung-suk; Noh Jong-chan, 2010) e “You're Beautiful” (Hong Sung Chang, 2009) e outros. Na vasta imensidão de dramas coreanos, é interessante ressaltar a existência de outras produções com a representação de pessoas autistas. Como exemplos as séries “Move to heaven” (Kim Sung Ho, 2021) e “Tudo bem não ser normal” (Park Shin-woo, 2020), ambas exibidas no Brasil por meio da Netflix. E também a série “Good Doctor” (Ki Min-soo; Kim Jin-woo, 2013), que inspirou o remake da série televisiva norte-americana “The Good Doctor”.

1.1 OBJETIVOS

Esta monografia tem como objetivo geral analisar a representatividade das pessoas com o Transtorno do Espectro Autista no audiovisual atual. Para alcançar tal objetivo será preciso primeiro definir objetivos específicos, os quais são:

- Entender as definições de estereótipos, representação e representatividade e como são inseridos no audiovisual;
- Compreender como pessoas com o Transtorno do Espectro Autista são e como são percebidas e tratadas na sociedade coreana e brasileira;
- Mapear filmes e séries com a representatividade de pessoas com o espectro autista;
- Caracterizar, brevemente, os dramas coreanos e sua importância na sociedade coreana e brasileira;
- Analisar a representatividade de pessoas com espectro autista na série “Uma advogada extraordinária”.

1.2 JUSTIFICATIVA

O estudo sobre esse tema é de grande relevância, pois através da representatividade, ainda mais em um dos meios de comunicação mais populares do mundo, pessoas de diferentes grupos sociais podem se identificar. Em relação à importância desse estudo para a sociedade, pode-se pensar como exemplo a quebra de estereótipos e preconceitos. Essa quebra sempre foi importante, e recentemente tem sido mais comum o debate sobre ela. Atualmente a luta pela igualdade, inclusão e integração vem aumentando. Como exemplo o Movimento Orgulho Autista Brasil - MOAB e do Movimento Pró-Autista - MPA. Segundo o site do MOAB, o objetivo desse movimento é buscar a melhoria da qualidade de vida para as pessoas diagnosticadas com autismo e para as suas famílias. Esse movimento ainda abrange projetos, programas para a discussão desse tema.

Por meio de parcerias com o poder público e privado, o Movimento realiza diversos eventos tais como audiências públicas, sessões solenes, atos públicos, palestras, cursos, encontros, seminários, passeatas, caminhadas, carreatas, Prêmio Orgulho Autista, Projeto Anjos Azuis, Desabafo Autista e Asperger, Blitz do Autismo, Autistas Plásticos, Autistas e Artistas, Autismo e Família, Autismo na Igreja, Autismo na Escola, Autismo & Universidade, etc. (MOAB, [s.d.]

Portanto a relevância desta monografia pode ser justificada a partir de que através do estudo da representatividade de pessoas autistas no cinema, será possível notar como isso afeta as pessoas incluídas nesse grupo social e de como a visão da sociedade pode mudar por meio dessa representatividade. Este tema é de grande relevância social pois é possível perceber que vivemos em uma sociedade em que pessoas inseridas em certos grupos sociais sofrem discriminação, assim como o caso das pessoas autistas. O Centro de Estudos Sociais explica a discriminação: é um processo de diferenciação entre pessoas ou grupos sociais que assente em critérios estabelecidos por quem detém o poder de produzir hierarquias de valor. Associados à discriminação estão processos adicionais de exclusão, invisibilização, marginalização, opressão, segregação e violência, cujas consequências são frequentemente dramáticas nas vidas daqueles/as que os experienciam de forma direta e/ou simbólica.

Para alguns, a discriminação é tão fácil de detectar quanto um desastre ferroviário à luz do dia. Ela é percebida por meio de pistas sutis no modo como os outros são tratados ao nosso redor ou na maneira como nós mesmos somos tratados. A conversa áspera com o atendente da loja, o segurança que aguça sua atenção, o taxista que não para. Seja pela idade, gênero, raça, deficiência, orientação sexual, seja por qualquer outra identidade estigmatizada, a

maioria consegue pensar em, no mínimo, um caso no qual nós ou alguém próximo foi tratado de modo injusto por causa de uma única diferença de condição. (PAGER, 2006).

E uma forma de acabar com tal discriminação é através da representatividade, que quebra os estereótipos e preconceitos. Mas isso só será possível se de fato ocorrer a visibilidade dessas pessoas. E como dito anteriormente o cinema é um meio capaz de exercer essa função.

Além disso, como o estudo dessa monografia será feita também a partir da análise de uma série coreana, em que temos a representação de uma pessoa com autismo, é interessante ver como a personagem principal da série além de ser a protagonista é também mulher, já que geralmente a maioria das personagens autistas representadas no audiovisual são homens.

A representatividade de uma pessoa com autismo em uma série de produção coreana me impressiona, pois a Coreia é um país em que a maioria das pessoas que têm alguma deficiência vivem isoladas ou trancafiadas em casa, o que infelizmente também ocorre no Brasil. Como exemplos para esta afirmação, tem-se como referência o autor e professor de antropologia Roy Grinker, em uma notícia no Extra Globo, sobre uma pesquisa em que o mesmo foi um dos autores, e uma resenha sobre o seu livro "Autismo: um mundo obscuro e conturbado" (2010).

A pesquisa feita descobriu uma grande quantidade de crianças autistas na Coreia que não eram registradas antes. "A surpreendente proporção de casos escondidos nas escolas comuns, ele notou, pode em parte refletir o baixo índice de sensibilização e elevado grau de estigma ligado ao autismo na Coreia do Sul."

Em relação à resenha de Soraya Fleischer (2012), ela cita Grinker:

Na Coreia do Sul há muita vergonha: "Muitas vezes os autistas são escondidos e com isso acabam ficando sem tratamento e raramente são integrados na vida comunitária" (:246). Há pouca política educacional e uma grande expectativa de que as mães possam "controlar" seus filhos. Não deixa de ser paradoxal que o país, com uma altíssima exigência em relação ao "sucesso" intelectual dos filhos, não tenha desenvolvido programas educacionais apropriados para crianças diferentes. Ao contrário, essa ênfase no sucesso só acirra a discriminação em relação à diferença.

Portanto, ter uma série que aborda esse tema, em um país que praticamente rejeita essas pessoas, é uma forma muito interessante de analisar a representatividade de pessoas autistas, e de como ela atinge a quem consome essa produção. É também interessante relacionar como a forma

de que as pessoas são vistas e representadas na sociedade coreana é parecida com a forma que elas são vistas e representadas na sociedade brasileira e, de como a representatividade quebra os estereótipos e preconceitos que as atingem.

Como uma pessoa que vive em sociedade, com diversas pessoas de diferentes grupos sociais, e que vive cercada pelo audiovisual, poder falar sobre a representatividade de pessoas com o autismo no audiovisual, e sem prejudicar o lugar de fala dessas pessoas, é importante pois assim como a maioria das pessoas inseridas na sociedade, eu também sou sujeita e não livre de estereótipos e preconceitos que podem atingir de forma negativa certos grupos de pessoas. Através da análise dessa representatividade e de como ela afeta e ajuda as pessoas autistas, é possível refletir sobre como essas pessoas são representadas e contribuir para uma mudança de percepção da sociedade. Além disso, tenho um parente que é autista, e imagino como seria se ele pudesse se ver representado, não de uma forma pejorativa, e quais seriam os benefícios.

Enquanto profissional de saúde em formação, também acho relevante o estudo desta monografia pois a visibilidade de certos grupos faz com que as pessoas inseridas nessas comunidades possam se sentir mais pertencentes à sociedade. E em relação a saúde isso pode ser de extrema importância à saúde mental dessas pessoas.

1.3. PROPOSTA METODOLÓGICA DO ESTUDO

O projeto estará baseado na abordagem qualitativa. Para entender as definições de estereótipos e representatividade e como são inseridos no audiovisual, caracterizar os dramas e perceber como as pessoas autistas são percebidas e tratadas na sociedade coreana e brasileira, usará

como estratégia de pesquisa, livros, jornais, periódicos e material da Internet. Ou seja, a fundamentação do projeto será feita a partir de uma pesquisa bibliográfica.

A fim de analisar a representatividade de pessoas com espectro autista no cinema, os pontos positivos e negativos em relação à representatividade da série escolhida, será feita inicialmente a análise fílmica da representatividade a partir da obra audiovisual escolhida, “Uma advogada extraordinária”. Tendo como base duas fontes distintas, Penafria descreve a análise fílmica como:

Analisar um filme é sinónimo de decompor esse mesmo filme. E embora não exista uma metodologia universalmente aceita para se proceder à análise de um filme (Cf. Aumont, 1999) é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar (Cf. Vanoye, 1994)".

Ou seja, será feita a decomposição e interpretação da série escolhida. Para alcançar melhor desempenho será feita a análise de um episódio específico, o episódio de número 03. A escolha desse episódio é devido que ele aborda temas relacionados ao TEA, como a diferença entre autismo severo de autismo leve, estereotípias, déficit social, hiperfoco, o conceito de uma crise e outros. Além disso, também serão analisadas se ocorre, de alguma forma, a representatividade no capítulo.

A análise do material empírico buscará responder às seguintes questões: *o que são estereótipos?; eles ainda permanecem na sociedade?; o que é representatividade?; o que ela influencia e proporciona?; como os estereótipos e representatividade ocorrem no âmbito do audiovisual?; como isso influencia a quem consome esses temas no audiovisual?; como a obra escolhida trabalha esses temas?*

CAPÍTULO 2- Estereótipos, Representação e Representatividade no audiovisual

2.1- Estereótipos, Representação e Representatividade

Diante do objetivo desta monografia, examinar a representatividade no cinema, antes é necessário compreender os significados das palavras estereótipos, e representação também, pois elas se interligam com a representatividade. Além de que, a noção de representatividade e representação por diversas vezes se confundem em uma só. Portanto é de grande importância, nesta pesquisa, diferenciá-las. Segundo o Dicionário Online de Português, esses são os significados para essas palavras (os quais serão mais aprofundados e posteriormente vistos no audiovisual):

Estereótipos:

- Padrão estabelecido pelo senso comum e baseado na ausência de conhecimento sobre o assunto em questão.
- Concepção baseada em ideias preconcebidas sobre algo ou alguém, sem o seu conhecimento real, geralmente de cunho preconceituoso ou repleta de afirmações gerais e inverdades.

Representação:

- Ato ou efeito de representar, de mostrar com clareza .Ação de expor escrita ou oralmente, de exibir; exposição, exibição.
- Conceito, ideia ou imagem que criamos do mundo ou de alguma coisa.
- [Por Extensão] Processo da mente que, em si mesma, faz a correspondência de uma ideia, conceito, objeto, coisa a algo exterior, fora do âmbito da consciência.
- [Teatro] Ato de representar, de desempenhar papéis em teatro: representação de uma comédia, de um drama; encenação, interpretação.
- [Artes] Reprodução por meio da escultura, da pintura, da gravura: representação de uma batalha.

Representatividade:

- Qualidade de alguém, de um partido, de um grupo ou de um sindicato, cujo embasamento na população faz que ele possa exprimir-se verdadeiramente em seu nome.
- Qualidade de uma amostra constituída de modo a corresponder à população no seio da qual ela é escolhida.

Os estereótipos, então, podem ser compreendidos como uma imagem, uma idealização, um pré-conceito de algo ou alguém perante a visão de outra pessoa. Os estereótipos têm cunho negativo pois geralmente estão interligados com a visão preconceituosa ou discriminatória que as pessoas têm sobre certos indivíduos, geralmente as minorias da sociedade. Mas, porque isso acontece? Essas visões são afetadas por concepções que são apresentadas ou até mesmo ensinadas. Desde o nascimento de uma criança, ela recebe diversas outras visões ou modos de ver que influenciam em sua própria visão. E muitas das vezes ela acaba por reproduzir essas interpretações durante sua vida.

A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos (BERGER, 1972). Ou seja, diante do que as pessoas pensam e acreditam, ou até mesmo são levadas a acreditar, como no exemplo acima, o modo como uma pessoa vê outros indivíduos pode ser mudada. Como exemplo, o fato de que existem pessoas que estereotipam as pessoas negras como ladrões ou criminosos.

Contudo, embora toda imagem incorpore uma maneira de ver, nossa percepção ou apreciação de uma imagem depende também de nosso próprio modo de ver. (BERGER, 1972). Através desse pensamento pode-se deduzir que por mais que existam alguns modos de ver que prevalecem na sociedade, o indivíduo tem seu próprio modo de ver, que pode ser influenciado ou não, pode colaborar com os estereótipos impostos ou não, ou pode até através de seu modo de ver mudar a percepção de outros.

Em relação à representação, ela pode ser entendida como uma imagem, significação e, no âmbito da cinematografia, a atuação. A representação, segundo Stuart Hall: "É a conexão entre conceitos e a linguagem que permite nos referirmos ao mundo 'real' dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios." Em

outras palavras, a representação é a junção de conceitos com linguagem, em relação a coisas ou pessoas. Ou seja, é a criação de sentidos e conceitos por meio da linguagem.

Após entendidas as definições de estereótipos e representação, falta entender o conceito de representatividade. "A palavra representatividade tem por significado aquele que representa politicamente os interesses de um grupo, de uma classe ou de uma nação. Ela se concretiza através da ação, adesão e participação dos representados (BRISTOT; POZZEBON; FRIGO, 2017)". Ou seja, é representar pessoas ou minorias dando-lhes espaço e lugar de fala.

2.2- Estereótipos, Representação e Representatividade no audiovisual

Agora, portanto, veremos esses mesmos tópicos porém, agora, inseridos no audiovisual. Mas como estereótipos e a representatividade podem ocorrer no audiovisual? Vamos partir do pressuposto de que o audiovisual assim como a arte retrata a visão da artista e no caso do cinema do diretor, autor e até mesmo do público que influencia na obra. Como exemplo para essa afirmação, temos:

Toda imagem incorpora uma forma de ver. Mesmo uma fotografia. Porque as fotografias não são, como se presume frequentemente, um registro mecânico. Cada vez que olhamos uma fotografia estamos cientes, por mais superficialmente que seja, do fotógrafo selecionando aquela cena entre uma infinidade de outras possíveis. Isso é verdadeiro mesmo em se tratando do instantâneo familiar mais informal. O modo de ver do fotógrafo é reconstituído pelas marcas que ele faz na tela ou papel (BERGER, 1972).

Ou seja, o audiovisual é um meio de comunicação, de certa forma público, que pode influenciar o destinatário ou ser influenciado pelo mesmo, como é o que acontece na atualidade. É possível encontrar exemplos de filmes com temas ou abordagens que atualmente são considerados politicamente incorretos por ofender pessoas, geralmente discriminadas independentemente do motivo. Como exemplos temos o "blackface":

Era uma prática na qual pessoas negras eram ridicularizadas para o entretenimento de brancos. Estereótipos negativos vinham associados às piadas, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. No século 19, atores brancos usavam tinta para pintar os rostos de preto em espetáculos humorísticos, se comportando de forma exagerada para ilustrar comportamentos que os brancos associavam aos negros. Também ridicularizavam os

sotaques dos personagens que incorporam nas peças. Isso surgiu numa época em que os negros nem eram autorizados a subir nos palcos e atuar, por causa da cor da pele (BBC NEWS BRASIL, 2019).

Como exemplo de "blackface" temos o filme *O Nascimento de uma Nação*: "Quando o assunto é racismo no cinema, o filme *O Nascimento de uma Nação* é um reflexo desse movimento. Criado em 1915, a produção usou apenas atores brancos para representar os papéis negros, todos maquiados de forma escrachada (MALVA, 2020)."

Através desse exemplo pode-se então entender o significado de representação no cinema. A representação no audiovisual acontece quando as pessoas, figuras, personagens são representadas por atores, contendo suas características, perspectivas e histórias. Ou seja, como nos exemplos de blackface, pessoas brancas "representam" pessoas negras de forma caricata e escrachada. Porém, essas pessoas não são de fato negros, nesse caso a representação tem cunho negativo e pode ser ofensiva.

No entanto, exemplos como esses, não são tão comuns ultimamente devido a luta para a igualdade, inclusão e lugar de fala de grupos discriminados por meio de movimentos como o Movimento Negro, Feminista e outros. Ou seja, a indústria cinematográfica se modificou às demandas do público. Esperando obter lucro através da linguagem cinematográfica a indústria se modificou aos interesses do público.

A concepção por detrás da produção cinematográfica, ou seja, a mensagem repassada pelo filme, tem uma importância menor que a necessidade do lucro para o capital cinematográfico. Essa dinâmica atua no caso do capital cinematográfico sob forma específica, mas mantém as características gerais de todo o processo de produção capitalista no âmbito cultural. Se existe público para filmes críticos, então ela irá produzir tais filmes. Assim, o capital cinematográfico não reproduz a dinâmica de qualquer produção capitalista e seu objetivo fundamental é o lucro. Isso gera uma contradição no seu interior, pois o capital cinematográfico, sendo um setor do capital e que compartilha, através dos seus capitalistas, os valores, interesses, representações, de uma determinada classe, a capitalista, e por isso a mensagem que gostaria de repassar seria a que é comum para a mentalidade burguesa. Contudo, ela visa o lucro e existe público que quer outras mensagens ou que quer variações ou pelo menos formas mais reflexivas de produção fílmica, tal como os setores intelectualizados da sociedade, gerando diversos públicos que são levados em consideração quando se produz um filme, mas suas contradições possibilitam esta produção crítica.

Com isso, o cinema, como meio de comunicação que chega ao público, é uma peça importante para levar às pessoas discriminadas ou não, que elas merecem inclusão, igualdade, lugar de fala e pertencimento na sociedade. E isso pode ocorrer quando elas se veem representadas, de forma correta e não estereotipada, em séries filmes e etc.

Em contrapartida, quando temos por exemplo, um personagem de origem latina sendo representado por um ator de origem latina, a representação tem cunho positivo, pois a personagem faz jus às suas características, perspectivas e histórias, já que ambos, o ator e a personagem, estão inseridos no mesmo grupo e de certa forma vivenciam realidades parecidas, assim como quem se vê representado também. Assim, ocorre a representatividade. Por meio de casos de representatividade como esse, as pessoas desse grupo social podem se sentir mais incluídas socialmente e, até mesmo, mais confiantes em si mesmas.

A representatividade no cinema tem efeitos muito positivos ao público. As pessoas que consomem as obras do audiovisual podem ser de diversas etnias, culturas e realidades. E podem até mesmo fazer parte dos grupos minoritários ou de pessoas discriminadas. Sendo assim, quando uma pessoa deste grupo se vê representado de forma positiva, a representatividade, ela não só aprende mais sobre si mesma como também sobre seu lugar na sociedade, seus direitos e valores. Filmes com o protagonismo de pessoas excluídas pela sociedade, são grandes exemplos de representatividade. *Pantera negra* (Ryan Coogler, 2018), é um grande exemplo com protagonismo negro, já que no filme, o protagonista é um homem negro e que por cima tem um alto posto que é de ser rei, não só isso como o filme também tem representatividade em relação à cultura.

CAPÍTULO 3- Pessoas com TEA, como são vistas pelas sociedades, e como ocorre sua representatividade no audiovisual

3.1 - Pessoas com TEA, como são vistas pelas sociedades

Sendo o objetivo desta monografia analisar a representatividade de pessoas com o TEA no audiovisual através da série escolhida, será necessário primeiro compreender um pouco sobre esse grupo, depois como eles são vistos nas sociedades coreana e brasileiras, o que afeta a escolha da série e, posteriormente mapear obras audiovisuais com representatividade dos mesmos.

É possível perceber que as pessoas com TEA sofrem muito preconceito e exclusão na sociedade, e isso muitas vezes independe do país ou lugar. Esse fato é importante, pois será analisado como esse grupo é visto nas sociedades brasileira e coreana (coreana devido que a obra escolhida para a análise de representatividade de pessoas com TEA é uma série sul-coreana), e como elas podem ser muito semelhantes em relação ao como essa minoria é percebida em ambas.

As pessoas com o Transtorno do Espectro Autista sofrem muito preconceito por serem "diferentes" do padrão comum imposto pela sociedade. Por isso, eles muitas vezes são excluídos e maltratados.

As crianças e adolescentes com autismo enfrentam perante a sociedade uma série de preconceitos, e a ausência de traços físicos que caracterizam a síndrome contribuem, para que isso ocorra, mesmo tendo em vista que todos são iguais perante a lei, sem diferença alguma e usufruindo da liberdade, igualdade e segurança que garantam os seus direitos.

Além disso, o transtorno do espectro autismo é uma temática na sociedade que tem pouco conhecimento. Muitos pensam que é uma doença, ou que, em casos infantis, não passa de desobediência e birra, ou então, não sabem suas características e nem ao menos seu conceito. Não sabem sobre as dificuldades que familiares passam por serem excluídos e esquecidos socialmente.

É fundamental que a sociedade esteja preparada para lidar com a diversidade humana. Nenhuma criança ou adolescente com autismo pode ser condenada à segregação, simplesmente pelo fato do preconceito ou da ausência de informações acerca da síndrome. A sociedade deve compreender suas dificuldades e permitir que a criança e adolescente com autismo sejam incluídos de fato, contribuindo para que sua participação social ocorra no âmbito familiar, escolar, entre outros, para exercerem seu papel que é fundamental no âmbito social. Porém, mais do que permitir este acesso é importante que a sociedade apoie a família destes sujeitos, de modo a contribuir com este processo de inclusão social que por si só representa um grande desafio.

Para a dispersão desses preconceitos e compreensão desse transtorno acontecer, movimentos como o MOAB, já citado anteriormente, tem como objetivo a conscientização, inclusão e igualdade dessa comunidade. Também existe o dia 2 de abril:

Em 2007, foi criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) o dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo, celebrado em 2 de abril. A data tem por objetivo divulgar informações sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e combater o preconceito e a discriminação que cercam as pessoas afetadas pelo transtorno (ASCOM/TRE-RR, 2023).

3.2 - Representatividade de pessoas com TEA no cinema:

Atualmente, uma das principais formas de propagação de informações sobre o autismo na sociedade é a sua representação em filmes e séries. Entretanto, as ideias apresentadas por esses meios comunicativos podem estar incompletas ou imprecisas, apresentando o autismo, muitas vezes, de forma estereotipada. Um exemplo de estereótipo é o ato de “cripface”: *“A isso se dá o nome de cripface: pessoas típicas que interpretam personagens atípicos (AUTISMO E REALIDADE, 2022).”*

De qualquer forma, a representatividade de pessoas com TEA no audiovisual apresenta diversos benefícios como o empoderamento e auto reconhecimento das pessoas com TEA, e também em relação ao público geral que aprende mais sobre esse transtorno. Segundo a instituição, **Autismo e Realidade:**

A representação de autistas em séries, filmes, desenhos animados e outras produções culturais é comprovada cientificamente como uma ferramenta eficaz para aumentar a inclusão social e combater o estigma relacionado ao transtorno. Uma pesquisa americana demonstrou que as pessoas demonstram mais empatia e interesse em saber mais sobre autismo quando assistem a 28 minutos de uma série com protagonista autista do que a uma palestra sobre o assunto.

Como exemplo de filme com representatividade de pessoas com TEA, um grande exemplo é *Temple Grandin* (Mick Jackson, 2010), que é a biografia da psicóloga e zootecnista autista, Temple Grandin. A biografia citada é um exemplo de filme com representatividade, pois ele não colabora com os preconceitos e estereótipos acerca desse grupo de pessoas.

Considerando o papel da produção cinematográfica como mídia formadora de conceitos, a presente obra destaca-se ao mostrar o autismo como uma forma alternativa de ser e pensar, priorizando pensarmos a diferença ao invés da deficiência. Inclusive esta perspectiva é

claramente ilustrada em um diálogo da mãe de Temple com o professor que iria acompanhar a filha no colégio em que ambos concordam que a protagonista é diferente, mas não inferior (different, but not less).

A ideia de que o autismo constitui uma forma diferente de ver e interpretar o mundo implica no entendimento de que este grupo de pessoas tem muito a nos ensinar sobre desenvolvimento e variabilidade humana, bastando nos disponibilizarmos legitimamente a conhecê-lo (SCHMIDT, 2012).

Ou seja, diferente de filmes que representam pessoas autistas de forma negativa, esse filme tem como objetivo a representatividade de Temple Grandin, não representando o autismo como deficiência, como ocorre em muitos casos, mas como uma diferença.

CAPÍTULO 4- Os dramas coreanos e análise da representatividade de pessoas com espectro autista na série “Uma advogada extraordinária”

4.1- Os dramas coreanos:

Com o propósito de analisar o *k-drama* " Uma advogada extraordinária", é necessário entender o que são os *k-dramas*. Os doramas como são conhecidos no Brasil, são novelas asiáticas que podem ser de países como a Coreia, os k-dramas, da China, os *c-dramas*, da Tailândia, os *t-dramas*, e assim por diante. "*Dorama* nada mais é do que uma espécie de série de origem asiática, produzida em maior escala no Japão, mas também encontrada na Coréia do Sul, China e Tailândia. O termo “dorama” vem da pronúncia de “drama” em japonês."

A chegada de séries ao Brasil é por meio dos serviços de streaming como a *Netflix*, *Prime Video* e etc. Além disso, outro fator para essa popularização dos k-dramas aqui no Brasil é a Onda Coreana:

A “Onda Coreana” ou **Hallyu** (한류), apelido dado pela mídia, representa os esforços da Coreia do Sul para reerguer e exportar a cultura do país após décadas de uma ditadura militar que terminou no final dos anos 1980. A ideia era reviver a identidade nacional, além de investir em estrutura e orçamento. Os “holofotes” que existiam (e ainda existem) sobre a cultura popular do país foram utilizados para isso, destacando programas de televisão, música, indústria da beleza, cinema e moda. Com isso, a “Onda Coreana”, que chegou por aqui apenas na última década, começou bem antes em países como China e Japão (ALMEIDA, 2023).

O sucesso dos k-dramas é evidente, as novelas muita das vezes ficam no *Top 10 na Netflix*. Outro exemplo é o filme *Parasita* (Bong Joon-ho, 2019) que ganhou o Oscar de melhor filme e outros. Após entender mais sobre os k-dramas, agora será feita primeiramente uma breve análise fílmica série como um todo, e posteriormente a análise do capítulo escolhido:

4.2- Análise da representatividade de pessoas com espectro autista na série “Uma advogada extraordinária”:

Ficha técnica

Título: "Uma advogada extraordinária".

Título original: "Extraordinary Attorney Woo".

Direção: Yoo In- shik

Ano: 2022

País: Coreia do Sul

Gênero: Drama jurídico

Duração: 64 - 82 minutos

Sinopse: Em *Uma Advogada Extraordinária*, Woo Young Woo (Park Eun Bin) é uma advogada de 27 anos no espectro autista. Criada pelo seu pai solteiro, ela tinha apenas uma amiga na escola que a protegia dos colegas que praticavam bullying. Na vida adulta, Young Woo se tornou uma profissional excelente. Tendo um QI altíssimo, de 164, ela se formou como a melhor estudante da turma na prestigiada Universidade Nacional de Seoul. Devido à sua inteligência e memória fotográfica, ela conseguiu um trabalho em um grande escritório de advocacia se envolvendo com casos criminais incomuns e complexos. Por outro lado, emocionalmente, Young Woo não se dá muito bem com interações sociais. Como resultado, muitos a enxergam como uma esquisita ou solitária, tendo sido alvo de bullying na escola. A série tem foco no crescimento de Young Woo como advogada e pessoa, enquanto ela conhece novas pessoas que irão fazer a diferença em sua vida (ADORO CINEMA, 2022).

Análise do episódio 03



Antes de tudo, a escolha desse episódio, em específico, foi por causa de como ele aborda de forma mais ampla, em relação aos outros episódios, as características do TEA, pois a

protagonista Woo Young Woo, interpretada por Park Eun Bi, e que é uma advogada com o Transtorno do Espectro Autista, tem que defender um caso em que, supostamente, um homem foi espancado até a morte por seu irmão que também possui o TEA. Por apresentar dois personagens que são autistas, o episódio aborda mais características e situações que uma pessoa com TEA tem e vive.

A série é um drama jurídico que se assemelha muito a uma novela, com cenas dramáticas, episódios longos e histórias que são contínuas em grande parte da série. A série é contada de maneira impessoal, ela nos apresenta as cenas com uma câmera objetiva, ou seja, em terceira pessoa. Ela passa pelas cenas sem ser diretamente a visão dos personagens, na forma de primeira pessoa. As cenas possuem muita clareza a maior parte e músicas leves e românticas, em cenas dramáticas a clareza diminui e a música se torna intimista.

O episódio começa quando a advogada é chamada para defender o caso. Antes de começar a defender o caso, a advogada pergunta se ela foi escolhida para esse caso apenas por ela também fazer parte do transtorno, assim como o réu. Seu chefe, no entanto, explica que ela teria maior conexão com o acusado, e que o pai do réu também se sentiria mais confortável por ambos serem autistas. Ao dizer isso, ela esclarece que apesar de ambos fazerem parte do TEA, ela e o acusado possuem níveis diferentes e ela mesma nunca tinha visto alguém com um nível tão alto do TEA. Nessa cena, o roteiro traz à tona uma informação muito interessante sobre o TEA, e que é de interesse ao público, que em muitas das vezes não sabe que existe mais de um nível de TEA, como autismo leve, moderado e severo.

Desse modo, eles decidem que devem interrogar o réu. Para isso, eles preparam uma sala vazia, com pouca exposição à luz e barulho para que ele se sinta confortável. Ao confrontar Kim Jeong Hun sobre a morte de seu irmão, ele reage apresentando estereótipos, repetindo a frase "Vai morrer! Vai morrer!" e até mesmo se auto machucando. Em uma segunda tentativa de fazer o réu responder sobre o que aconteceu, eles cantam uma música de um personagem que o acusado gosta muito. Por um momento até parece dar certo, até que ao tentar perguntar a ele sobre o caso, ele volta a gritar e se machucar. Novamente, a série traz à tona características relacionadas ao TEA, como as estereótipos e as sensibilidades sensoriais, como a audição e exposição à luz.



No entanto, dessa vez a advogada percebe que, provavelmente, o que o réu estava tentando dizer é que o irmão teria se suicidado. A advogada então tenta perguntar se realmente o irmão teria tentado se suicidar e ele até confirma, porém nada possui certa totalidade pois o réu tem dificuldade de interação e comunicação. Outra característica do TEA representada, o personagem apresenta dificuldade na fala e ao interagir com outras pessoas.

Depois dessa quase confissão de Jeong Hun, Woo e seu colega de trabalho Jun Ho vão a casa do acusado investigar mais sobre o caso. No caminho, Jun Ho encontra uma amiga da faculdade que ao ver Young Woo, pergunta se ele estava fazendo trabalho comunitário, pois a advogada estava cobrindo os ouvidos, devido a sua sensibilidade auditiva, por causa do barulho de máquinas de obra. Isso demonstra como que a amiga de Jun Ho nem pensa na possibilidade de ser apenas uma relação normal de trabalho ou outros, mas sim que se trata de uma demonstração de uma pessoa “mais capaz” ajudando uma “pessoa incapaz” por meio de trabalho voluntário.

Ao chegar lá, eles encontram vestígios que deixam a parecer que realmente se tratou de um suicídio. Então eles encontram um diário que realmente aponta ter sido suicídio.



Ao mostrar as provas para os pais da vítima e acusado, eles não aceitam que o filho teria tentado tirar a própria vida e o irmão com TEA estaria apenas tentando o impedir de fazer isso. Eles então decidem parar com o caso.

Logo depois, o réu aparece em frente ao escritório de advocacia pedindo que os advogados cantassem novamente a música. Ele vai até lá de táxi, mas não tem dinheiro então o taxista não deixa ir embora. Woo e os colegas de trabalho chegam para ajudá-lo. Essa cena é importante para depois, pois a advogada volta a citá-la. A mãe do acusado então vai buscá-lo no escritório e pede desculpas a Young Woo e decide voltar com o caso.

Nesse momento, Young Woo tem uma reflexão muito importante sobre o TEA e como as pessoas autistas são vistas pela sociedade, ela diz: "Hans Asperger, um dos primeiros a fazer pesquisas sobre o Autismo, pensava que havia um lado positivo sobre o autismo. Ele disse que: "Nem tudo que sai da linha e, portanto, é anormal deve ser necessariamente inferior." As pessoas autistas podem alcançar resultados surpreendentes com novas formas de pensar e experiências. Hans Asperger era um colaborador nazista. Seu trabalho era separar as crianças que mereciam viver das que não valiam. Pros nazistas as pessoas que não valiam a pena viver eram os deficientes físicos, doentes terminais, doentes mentais, incluindo os autistas. Mesmo há 80 anos o autismo era uma deficiência que não valia a pena ser vivida. Mesmo há 80 anos, o Kim Jeong Hun e eu éramos pessoas que não valiam a pena viver. Inclusive agora centenas de pessoas vão ler o comentário: " Não é uma perda nacional um aluno de medicina morrer e um autista viver." e vão clicar no botão

like. Esse é o peso que carregamos da nossa deficiência. " Enquanto ela diz isso, imagens do pesquisador e imagens da 2 Guerra Mundial acompanhadas de uma melodia triste passam pela cena.

Cena principal:

A cena muda e então finalmente chega o dia do julgamento. Young Woo interroga uma testemunha que apresenta que o réu provavelmente havia apresentado um colapso mental ou crise na hora do suposto crime. A advogada então pergunta o que seria uma crise e se ela faz parte das características do TEA, pois assim a violência do réu com a vítima seria justificada como parte da crise e não realmente um assassinato.



Em contrapartida, o defensor opositor pergunta à testemunha se ali naquele tribunal havia alguém com o TEA, em uma tentativa de desmerecer a advogada Woo. O chefe de Woo tenta intervir, alegando ser uma atitude discriminatória, mas a juíza não aceita alegando não ser discriminatória. O advogado da vítima então volta a acentuar que se o réu possui debilidade mental ou física, e portanto seria isento de ter cometido o crime por não ter tido noção da situação, a advogada então também seria debilitada mentalmente e fisicamente, e dessa forma não poderia estar exercendo seu trabalho de advogada. O chefe de Woo intervém novamente explicando que debilidade mental só ocorre quando a deficiência afeta a capacidade de discernir e tomar decisões,

o que não se aplicaria a Woo. O promotor, no entanto, repele que se a sentença do réu com TEA deve ser reduzida em relação a outros criminosos, os argumentos de Woo não deveriam ser reconhecidos perante o tribunal, o que para ele parecia o correto. Nessa cena é possível ver a discriminação com a advogada a ser julgada como incapaz de poder exercer seu trabalho devido a ser autista. Essa cena também faz uma crítica a como as pessoas neurotípicas vêem e pensam sobre as pessoas neuroatípicas. Além disso, a cena também reforça a diferença entre os níveis do TEA.

Após a sessão do tribunal, Jun Ho se sente muito preocupado em relação a como a advogada pode estar após a sessão, então ele vai ao escritório de Woo e a encontra se pendurando em uma corda, ele corre para salvá-la e ambos acabam caindo, ela com suas costas viradas para o chão, mas ele a protege. No entanto, ela só estava tentando recriar o que poderia ter ocorrido com a vítima. Essa cena é muito importante para a construção do romance deles, por ser um momento íntimo e romântico. Além de que, nos k-dramas românticos, cenas como essa em que a protagonista cai e o mocinho a segura sempre acontecem, e posteriormente eles se apaixonam.



Através dessa situação, a advogada então consegue deduzir que a vítima ao tentar se enforcar, e o réu ao tentar salvar sua salvar vida fez com que ele caísse de costas e as fraturasse, assim como ocorreu com Woo e Jun Ho. Em cenas como essa, em que a advogada consegue resolver algum caso, a série apresenta mais uma característica do TEA, o hiperfoco. Nessas cenas, a protagonista sente grande emoção e felicidade, em um momento de êxtase, e isso é transmitido

ao ver baleias que são seu hiperfoco. Essas cenas se assemelham muito com as cenas de dedução do personagem Sherlock Holmes na série Sherlock (Mark Gatiss, Steven Moffat, 2010) ou com as cenas de “*brain blast*” de As Aventuras de Jimmy Neutron, o Menino Gênio (John A. Davis, 2002), em que esses personagens conseguem resolver um problema, é importante lembrar que ambos personagens são considerados gênios assim como Woo é considerada na série. É como se uma lâmpada tivesse sido ligada, e esses personagens e Woo conseguissem achar o problema através de sua genialidade. A câmera se aproxima dela, o vento bagunça seus cabelos e uma esperançosa música de fundo toca enquanto ela vê as baleias e tem a inspiração. Trazendo a sensação de alegria e contentamento.



Após isso, ela conta isso ao seu chefe e ao pai do réu e da vítima, no entanto, o pai da vítima pede que a advogada se afaste do caso, a fim de não ocorrer mais problemas devido ela uma autista e o réu também, como ocorrido anteriormente. Young aceita pois ela entende, que por mais que ela consiga discernir a diferença e semelhanças entre os níveis do TEA, e é totalmente capaz de resolver o caso, o promotor, o júri e a juíza não a compreendem da mesma forma. Através de uma cena emocionante e com sonoridade calma e melódica, o episódio faz uma reflexão de como as pessoas com TEA são percebidas quando Woo lembra que ao sair com seu colega de trabalho as pessoas acham que ele estava fazendo trabalho voluntário, ou como quando ela tentou pagar a corrida de táxi para o réu, o taxista não aceitou porque não a viu como uma pessoa que pudesse resolver a situação.

A decisão de desistir do caso a magoa muito, mas ela opta por isso. Seu chefe ainda tenta impedir a situação alegando ser discriminação. Ele conversa com a CEO que aponta que ele mesmo foi contra Young Woo no início, no entanto agora ele tem outra visão. Aqui pode-se ver como que a série usa o personagem do chefe de Woo para representar uma pessoa que possuía preconceitos ou pouco entendia sobre o TEA, e ao aprender e conviver com alguém que é autista percebe sua ação discriminatória, e que a advogada é tão competente e capaz como qualquer outra pessoa do escritório de advocacia.

O caso então é transferido para outro advogado. O novo advogado durante o outro dia de julgamento aponta tudo o que Woo descobriu. A juíza então pergunta ao réu se ele estaria tentando salvar seu irmão, e ele afirma que sim. O julgamento não tem uma sentença apresentada durante o episódio, mas é possível entender que a sentença foi favorável. No entanto, a advogada decide se demitir, pois entende que assim como suas habilidades, nesse caso, foram questionadas por ser autista, em outros isso provavelmente ocorreria. Assim acaba o episódio. Um final como esse pode representar uma situação que acontece na vida real. Por causa da discriminação ou por questionar a capacitação de uma pessoa autista, elas acabam sendo excluídas de atividades cotidianas como trabalho, escola e até mesmo de um relacionamento. O que infelizmente ocorre no Brasil e no mundo.



Conclusão

A série apresenta diversas características do TEA, às vezes de forma normal, ao decorrer do episódio, ou às vezes de forma explicativa como quando a Woo explica sobre os diferentes níveis de TEA. Além do réu, a advogada, que também é autista, apresenta características como o hiperfoco, estereotípias, seletividade alimentar, sensibilidade sensorial, dificuldade de olhar diretamente nos olhos e outros. A série representa uma pessoa com TEA sem cair nos estereótipos e preconceitos. A série também apresenta situações que pessoas autistas sofrem, a discriminação e preconceitos.

No entanto, a série erra ao, por exemplo, ter uma atriz típica para interpretar uma personagem atípica, configurando-se o ato de *crippface* já citado anteriormente. A série chega a contribuir com a ideia de que todo autista é extremamente inteligente e possui um QI alto, a Síndrome de Savant ou Síndrome do Gênio. Mas ao mesmo tempo, tem-se Jeong Hun, que também é autista porém não apresenta a Síndrome do Gênio.

Considerações Finais

De certo, foi possível entender as definições de estereótipos, representação e representatividade e de como são inseridos no audiovisual, além de sua diferença sendo aplicados no audiovisual ou não. Foi possível perceber que o cinema através da representatividade é capaz de influenciar e conscientizar pessoas. E encontrar obras audiovisuais que possuíam essas definições, principalmente a representatividade autista, como o exemplo de Temple Grandin. Também foi possível compreender as características de pessoas com TEA e foi possível analisá-las no episódio específico. Apesar de ter exageros e erros como a atriz não ser uma pessoa autista, foi possível analisar a representatividade de pessoas com TEA.

No entanto, não foi possível analisar a série pela visão de uma pessoa autista, o que teria sido importante para entender o seu modo de ver em relação ao episódio.

REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA, **UMA ADVOGADA EXTRAORDINÁRIA**, Adoro Cinema, disponível em: <<https://www.adorocinema.com/series/serie-31134/>>. acesso em: 14 nov. 2023.

ALMEIDA, Saori, **Onda Coreana? Entenda o que é Hallyu e o seu impacto no entretenimento**, Jovem Nerd, disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/onda-coreana-halluy-o-que-e/>>. acesso em: 14 nov. 2023.

ASCOM/TRE-RR, **2 de abril: Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo**, TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE RORAIMA, disponível em: <<https://www.tre-rr.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Abril/2-de-abril-dia-mundial-de-conscientizacao-sobre-o-autismo-1>>. acesso em: 2 jun. 2023.

AUTISMO E REALIDADE. **O que é o Autismo?** Autismo e Realidade. Disponível em: <<https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/>>. Acesso em: 25 nov. 2022

AUTISMO E REALIDADE, **O que é criptface?**, Autismo e Realidade, disponível em: <<https://autismoerealidade.org.br/2022/09/02/o-que-e-criptface/>>. acesso em: 2 jun. 2023.

BBC NEWS BRASIL, **O que é “blackface” e por que é considerado tão ofensivo?**, BBC News Brasil, disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-49769321>>. acesso em: 9 nov. 2023.

BENTES, Caroline Cássila Araújo *et al*, **A FAMÍLIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DA CRIANÇA E ADOLESCENTE COM AUTISMO: DESAFIOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**, CENTRO UNIVERSITÁRIO “ANTÔNIO EUFRÁSIO DE TOLEDO” DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP, Presidente Prudente/SP, 2016.

BERGER, John, **Modos de ver**, [s.l.]: Livraria da Travessa, 2018.

BRAGA, Aline; MACHADO, Carla; FONSECA, Mirna. REPRESENTATIVIDADE E EMPODERAMENTO COM PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA E NO CINEMA, **Revista Ambivalências**, v. 7, n. 13, 2019.

BRISTOT, Paula Casagrande; POZZEBON, Eliane; FRIGO, Luciana Bolan, **A Representatividade das Mulheres nos Games**, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Curitiba PR Brazil, 2017.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, Universidade de Coimbra. **Dicionário das crises e das alternativas**. Abr. de 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/90819>>. Acessado 19 Outubro 2022.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza, **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DICIO, DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, **Representatividade Significado de Representatividade**, Dicio, Dicionário Online de Português Dicionário Online de Português, disponível em: <<https://www.dicio.com.br/representatividade/>>. acesso em: 9 nov. 2023.

EXTRA GLOBO, **Pesquisa realizada na Coreia do Sul revela quantidade surpreendente de crianças autistas**, Extra Globo, disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/pesquisa-realizada-na-coreia-do-sul-revela-quantidade-surpreendente-de-criancas-autistas-1771036.html>>. acesso em: 14 nov. 2023.

FLEISCHER, Soraya. Autismo: um mundo obscuro e conturbado. **Mana** [online]. 2012, v. 18, n. 1, pp. 231-235. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93132012000100011>>. Acessado 19 Outubro 2022.

GRINKER, Roy Richard. **Autismo. Um Mundo Obscuro E Conturbado**. Larousse do Brasil. Brasil: [s.n.], 2013.

MACHADO, Márcia F. Lombo; ANSARA, Soraia. De figurantes a atores: o coletivo na luta das famílias dos autistas. **Rev. psicol. polít.**, v. 14, n. 31, p. 517-533, set-dez, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300007>.

Acesso em: 18 out. 2022.

MALVA, PAMELA, **RACISMO ESCRACHADO: 5 VEZES QUE O BLACKFACE CHEGOU AOS CINEMAS**, Aventuras na História, disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/racismo-escrachado-5-vezes-que-o-blackface-chegou-aos-cinemas.phtml>>. acesso em: 14 nov. 2023.

MARÇAL, Daniela de Carvalho. **Marçal, Daniela. Farbiarz, Jackeline Lima. Design participativo e princípios inclusivos: Múltiplos modos de mediações na relação de sujeitos com autismo**. Rio de Janeiro, 2018. 155 p. Tese de doutorado. Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-Rio, mar. 2018.

MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa, Portugal: Dinalivro, 2005.

MASCARELLO, Fernando; BAPTISTA, Mauro. **Cinema mundial contemporâneo**. 2. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2011.

MIGLIORIN, Cezar, **Por um cinema pós-industrial Notas para um debate**, Revista Cinética, disponível em: <<http://www.revistacinetica.com.br/cinemaposindustrial.htm>>. acesso em: 14 nov. 2023.

MOAB, M. O. A. B. **Sobre nós**. Disponível em: <<https://www.moab.org.br/sobre-nos>>. Acesso em: 30 set. 2022.

MOCELLIN, Renato. **História e Cinema: educação para as mídias**. São Paulo: Editora do Brasil Didático, 2010.

MORAIS, Marcelo de, **O que é dorama e por que eles estão se tornando tão populares?**, tecmundo, disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/236951-o-que-e-dorama.htm>>. acesso em: 14 nov. 2023.

PAGER, Devah. Medir a discriminação. **Tempo Social** [online]. 2006, v. 18, n. 2, pp. 65-88. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000200004>>. Epub 11 Jan 2007. Acessado 2 Novembro 2022.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. abr. 2009.

REIS, Beatriz Rebouças; LIMA, Amanda Isadora da Silva; VIEIRA, Antônia Maira Emelly Cabral da Silva. UMA ANÁLISE DA IDENTIDADE NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Revista Includere**, v. 3, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufersa.edu.br/includere/article/view/7377>>. Acesso em: 18 out. 2022.

RIBEIRO, Débora, **Estereótipo, Significado de Estereótipo**, Dicio, Dicionário Online de Português Dicionário Online de Português, disponível em: <<https://www.dicio.com.br/estereotipo/#:~:text=substantivo%20masculino%20Padr%C3%A3o%20estabelecido%20pelo,de%20afirma%C3%A7%C3%B5es%20gerais%20e%20inverdades>>. acesso em: 9 nov. 2023.

RIBEIRO, Débora, **Representação, Significado de Representação**, Dicio, Dicionário Online de Português Dicionário Online de Português, disponível em: <<https://www.dicio.com.br/representacao/>>. acesso em: 9 nov. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

RODRIGO, Thallys, **O autismo no cinema e na TV: problemas de representatividade**, TAG Revista, disponível em: <<https://www.tagrevista.com/post/autismo-no-audiovisual>>. acesso em: 14 nov. 2023.

SCHMIDT, Carlo, **Temple Grandin e o autismo: uma análise do filme**.

SILVA, João Otávio Marquez e; MAGNINO, Bruna Maluhy, **Representatividade autista no mundo cinematográfico**, Folha Única, disponível em: <<https://www.folhaunica.com.br/reportagem/2023/05/bruna-maluhy-magnino/representatividade-autista-no-mundo-cinematografico/>>. acesso em: 14 nov. 2023.

SOARES, Maria Gabriela Vicente *et al*, **A Representatividade autista em filmes e séries na perspectiva de pessoas com autismo**.

SOUZA, Bárbara Leia Lopes De.: **A importância da representatividade para os grupos minoritários: uma revolução na construção de identidades**. Paraíba, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17617>>. Acesso em: 18 out. 2022.

VASQUES, Nicole. **Crianças negras se emocionam com nova versão de ‘A Pequena Sereia’: ‘Igual a mim!’** Disponível em: <<https://bhaz.com.br/noticias/variedades/novo-filme-pequena-seria-representatividade-criancas-negras/>>. Acesso em: 4 out. 2022.

VIANA, Nildo, Revista Alceu, **Capitalismo e cinema**, 2013.